

## A PRESENÇA DO CINEMA COMO ESPAÇO DE EXCLUSÃO DA MULHER NOS CONTOS DE JOSEFINA PLÁ

MENDONÇA, Suely Aparecida de Souza  
(PG- UNESP- Assis/Bolsista CNPq)\*

**RESUMO:** Para Angel Rama (2008) “a propriedade fundamental da literatura [...] exige o reconhecimento dos discursos paralelos e sua independência, mesmo que seja possível detectar entre eles uma tensa rede de interações mútuas”. Neste sentido, considerando a literatura e o cinema como espaços de atividades e discursos sócio-culturais semelhantes, o presente texto tem por objetivo apresentar uma leitura da representação da sala de cinema como lugar de exclusão da mulher nos contos “Maíña”, “Adios Dona Susana” e “La jornada de Pachi Achi”, da hispano-paraguaia Josefina Plá. A análise dos contos selecionados terá como respaldo teórico algumas abordagens da Literatura Comparada e dos Estudos Literários e Culturais. Serão levantados alguns estudos críticos sobre possíveis lugares públicos e privados, permitidos ou não para a mulher no início do século passado, como a exposição de Michelle Perrot sobre o acesso ou permanência de ambos os gêneros em espaços considerados sociais. Para a crítica francesa (2005), “aos homens, o público [...] às mulheres, o privado [e estas] ancoradas em seus corpos de mulher chegando a ser por eles presas cativas”. Destacaremos, assim, os possíveis agentes de exclusão da presença feminina na sala de cinema representados nos contos de Plá, avaliando os processos de subordinação da mulher das classes populares paraguaias impostos pela sociedade patriarcal, machista e preconceituosa revelada nas narrativas selecionadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura e cinema; a mulher na literatura; literatura de autoria feminina; espaços sócio-culturais; Josefina Plá.

**RESUMEN:** De acuerdo con Ángel Rama (2008), la propiedad fundamental de la literatura exige el reconocimiento de los discursos paralelos y su independencia, incluso si es posible detectar una tensión entre ellos y la red de interacción mutua. En este sentido, teniendo en cuenta que la literatura y el cine son espacios para las actividades y los discursos socio-culturales, el presente texto tiene como objetivo presentar una lectura de la representación del cine como un lugar de exclusión de las mujeres en los cuentos “Maíña”, “Adiós doña Susana” y “La jornada de Pachi Achi”, de la escritora hispano-paraguaya Josefina Plá. El análisis de las historias seleccionadas se respalda en algunos enfoques teóricos de la Literatura Comparada y de los Estudios Culturales. Dichos estudios críticos tratan de lugares públicos y privados, algunos de los cuales vedados a las mujeres del siglo

pasado, de acuerdo con las reflexiones de Michelle Perrot acerca del acceso y la permanencia de ambos sexos en dichos espacios sociales. Para la referida estudiosa (2005), a los hombres se destinó el espacio público y a las mujeres el ámbito privado, que acabó por transformarse en una especie de cárcel para ellas. Se destacan pues los posibles agentes de la exclusión de la presencia femenina representados por la sala de cine en dichos relatos. Además se evalúan los procesos de subordinación de las mujeres paraguayas de las clases bajas impuestos por la sociedad patriarcal y sexista en dichas narrativas.

PALABRAS-CLAVE: literatura y cine; la mujer en la literatura; literatura de autoría femenina; espacios socioculturales; Josefina Plá.

## INTRODUÇÃO

Uma das características do texto literário é a multidisciplinaridade, a construção intertextual que nos permite associá-lo às diferentes formas de expressão artística como a pintura, a fotografia, a música, o cinema, entre outras. Embora este processo de intercâmbio artístico apresente algumas discrepâncias, “a propriedade fundamental da literatura [...] exige o reconhecimento dos discursos paralelos e sua independência, mesmo que seja possível detectar entre eles uma tensa rede de interações mútuas”. (RAMA, 2008, p. 122).

O cinema, por sua vez, é uma das produções culturais mais revisitadas em estudos comparativos com a literatura. Nesta comunicação, porém, ele será abordado sob o ponto de vista de espaço de representação social, demonstrando sua importância como espaço público e híbrido. Estudar o cinema sob este aspecto consiste também em mostrar sua eficácia “em relação aos processos de urbanização, pois os filmes ajudaram os imigrantes a aprender viver e expressar-se na cidade, a atualizar suas moralidades e seus mitos”. (CANCLINI, p. 262). Neste sentido, algumas pesquisas apontam que “na América Latina, até 1950, o povo não percebeu o cinema especificamente como fenômeno artístico e cultural mas sobretudo como um lugar onde era possível experimentar novos hábitos e códigos de costumes”. (FERNANDES e SIQUEIRA, 2006, p. 1).

Na esfera da criação literária, buscamos o universo feminino paraguaio formado por obras que ainda permanecem relativamente à margem da crítica. Percebemos que a crítica literária paraguaia parece caminhar a passos lentos e no obsoleto, pois, em entrevista com o crítico assunceno Francisco Perez-Maricevich (2009), apreendemos que ainda não há uma crítica sistemática no Paraguai, uma vez que os estudos literários locais encontram-se submetidos a teorias já superadas.

Assim, considerando a literatura e o cinema como espaços de atividades e discursos sócio-culturais possíveis de serem colacionados e a literatura feminina paraguaia como um espaço a se descobrir, o presente texto tem por objetivo apresentar uma leitura da representação da sala de cinema como lugar de exclusão da mulher em alguns contos de Josefina Plá (1909-1999). Nascida na Espanha, mas tendo vivido a maior parte de sua vida no Paraguai a escritora colaborou para o fortalecimento cultural paraguaio, realizando importantes principalmente nas artes plásticas e na literatura local, criando obras-primas em cerâmica e escrevendo ensaios, poemas, peças de teatro, um romance e vários contos.

Dos contos de Plá dizemos, *a priori*, que eles constituem espaços de interatividade entre distintas vozes sociais que ecoam entre palavras e imagens e também um universo ficcional onde os sujeitos narrados passam por diversos processos identitários. Desta forma, selecionamos a mulher paraguaia das classes baixas como elemento importante na formação do processo sócio-cultural e literário local, marcando presença em um dos espaços culturais mais freqüentados pelas massas populares na primeira metade do século passado: as salas de cinema.

Em relação às categorias *público e privado*, estas serão abordadas nos contos como dicotomias relativas, principalmente porque nos defrontamos com representações de uma sociedade latinoamericana contemporânea onde persistem algumas vertentes da ideologia patriarcal, machista e preconceituosa que a formou. Sobre este tipo de sociedade, Perrot (2005, p. 459) comenta que nas comunidades ideologicamente patriarcais cabem “aos homens, o público [...] às mulheres, o privado [e estas] ancoradas em seus corpos de mulher chegando a ser por eles presas cativas”. Por este viés, buscamos nesta análise reconhecer a importância da sala de cinema como espaço público destinado a todas as classes sociais, enfatizando o porquê da presença ou da ausência das mulheres neste lugar de interação social.

## A SALA DE CINEMA COMO ESPAÇO SOCIAL DA MULHER DAS CLASSES BAIXAS NOS CONTOS DE PLÁ

O universo feminino abordado como elemento de formação das identidades nacionais permaneceu algum tempo à margem da sociedade e da literatura, principalmente no contexto brasileiro e hispano-americano, pois alguns estudos historiográficos literários apontam a “exclusão da mulher, seja como personagem-sujeito, seja como autora-autônoma, o que se deve particularmente à ideologia patriarcal que acompanhou os conquistadores da América e aqui se instalou com tentáculos de ferro.” (SCHMIDT & NAVARRO, 2007, p. 86).

Com o *boom* literário feminino na década de 80, a redoma que envolve a literatura de autoria feminina na América Latina se rompe para receber simultaneamente novas vozes e novos olhares, como os de Josefina Plá (1909-1999) e outras contistas como Nélide Piñon e Clarice Lispector, entre muitas outras. Em relação aos contos latino-americanos desta fase literária, Bittencourt (2003, p. 26) observa que

[...] as mulheres escritoras, cuja presença era insignificante nas primeiras décadas do século, tornam-se a voz dominante [pois] nos relatos das experiências femininas se incluem tanto as transgressoras, as que enfrentam preconceitos [...] como aquelas que ainda mostram a mulher subjugada e dependente das imposições do sistema patriarcal, que exige dela determinados comportamentos e papéis preestabelecidos que lhe cerceiam os anseios, os sonhos de liberdade e os impulsos sexuais.

Ao analisar as obras de autoria feminina, a crítica contemporânea abarca as várias questões sócio-culturais que expõem a situação da mulher enquanto autora e personagem, reforçando as inconformidades e as denúncias encravadas nas entrelinhas desse discurso em relação aos processos de submissão e discriminação das sociedades falologocêntricas e preconceituosas. Elódia Xavier (1990, p. 240), uma das críticas brasileiras especialistas no tema assinala que

[...] a crítica hispanoamericana coloca a questão em termos políticos, incluindo a produção literária feminina na luta feminina contra a hegemonia masculina; o discurso feminino faria parte de um projeto subversivo mais amplo, com o objetivo de anular a uniformidade do discurso do poder e de modificar as relações sociais.

Neste sentido, a importância das narrativas de Josefina Plá reside no fato de que seus contos abrangem, na maioria, a figura da mulher das classes baixas como vítima de uma sociedade marcada por questões políticas, históricas e sociais e por uma formação identitária convencionalizada por processos híbridos.

Da vasta obra da escritora hispano-paraguaia, selecionamos os contos “Maíña” (1950), “La jornada de Pachi Achi” (1957) e “Adios Dona Susana” (1954-1968), publicados, respectivamente, nas obras *La mano en la tierra* (1963), *El espejo y el canasto* (1981) e *La pierna de Severina* (1983), que acabaram compiladas na obra *Cuentos completos* (2000), organizada por Miguel Ángel Fernández.

O primeiro conto, “Maíña” (1948-1950), traz como protagonista Maristela que, aos dozes anos, fica grávida de um primo. A família não aceita a situação, expõe a adolescente a implacáveis maus tratos e acaba fazendo desaparecer o recém-nascido. Cansada de sofrer, a protagonista foge e vai morar na casa das tias em

Assunção, capital paraguaia, mas por pouco tempo. Conhece um comissário de polícia e vai viver com ele sem saber que ele estava noivo. Separando-se do policial, a protagonista inicia uma vida de promiscuidade que resulta na contração de um tumor no ovário que a leva a morte, aos 32 anos de idade.

Durante o tempo em que se relaciona com o policial, na década de 1950, Maristela vive confortável e divertidamente, pois freqüentava vários lugares como estádios de futebol, clubes e cinema. Neste sentido, Perrot (2006, p. 354) comenta que no início do século XX, “nos meios populares, no sábado [...] os homens vão ao estádio para ver jogos de futebol, enquanto as mulheres arrumam a casa [mas] o cinema foi, comparativamente, muito mais misto e, até mesmo, mais feminino”. Assim, o cinema é descrito como um espaço que muitas mulheres freqüentavam por se configurar como um lugar de lazer acessível a todos, principalmente àquelas pessoas de baixa renda como a nossa personagem que, embora seja sustentada pelo amante, é desprovida de recursos materiais e sobrevive de “favores”, pois fora excluída da abastada família a que pertencia.

Quando frequenta vai ao cinema, Maristela sempre está acompanhada por “*otras señoras en parecida situación*” (PLÁ, 2000, p. 81). Ou seja, ela continuamente vai ao cinema com outras prostitutas, o que nos leva a inferir que as mulheres consideradas recatadas na narrativa só frequentam as salas de cinema acompanhadas pelos maridos, diferente de Maristela que não se apresenta em público com o comissário, embora ela viva maritalmente com ele, ainda que sem saber que ele está comprometido com uma jovem da alta sociedade.

Assim, o que ocorre indiretamente com Maristela é a exclusão gerada principalmente pela condição de amante, comportamento considerado de desvio uma vez que se opõe à imagem de esposa e de mãe imposta pela ideologia patriarcal e dominante da época. No entanto, percebemos um tom de liberdade, pois “vale notar que, na literatura feminina, a prostituta traduz um ideal de libertação social e sexual da mulher, escapando assim às duas imagens dicotômicas que, às vezes, podem alternar em uma mesma personagem.” (RAGO, 1992, p. 72).

Podemos dizer ainda que o cinema e a literatura representam espaços de formação ou deformação de identidades e personalidades, pois muitas prostitutas se inspiraram, ou ainda se inspiram, em *femme fatales* como as personagens Cleópatra, Salomé, Capitu, as atrizes Teda Bara ou Julia Roberts, entre outras. Neste aspecto observa-se que a identificação “suscitada pela figura mítica do “astro” ou da “estrela” [...] produzia a transposição da fascinação onírica, na sala de cinema, para a idealização de valores e comportamentos na vida cotidiana”. (FERNANDES e SIQUEIRA, 2006, p. 13)

No que diz respeito ao conto “Adios Doña Susana” (1954-1968), a personagem principal é uma viúva de setenta anos que mora em Assunção com Alípio, seu único filho. A idosa vive constantes conflitos com o rapaz e não consegue controlar a vida boêmia do filho desde que este era menino. Dona Susana fica só em casa, pois o filho trabalha durante o dia e depois sai com a namorada ou com os amigos, principalmente nos fins de semana. Alípio nunca convida a mãe para festas ou ir ao cinema, mas sempre leva a namorada nestes locais, e isso deixa Dona Susana aborrecida. Por isso, a rejeição e o abandono por parte do filho acentuam os problemas de saúde da protagonista, conduzindo a viúva à morte.

O descaso aos idosos é um tipo de discriminação muito comum nas sociedades ocidentais, embora em alguns países orientais o velho ainda seja valorizado por sua sabedoria, memória e experiências como percebemos no contexto indiano reproduzido de modo idealizado na telenovela “Caminho das Índias”. Neste sentido, podemos assimilar que a personagem do conto de Plá reflete notoriamente a condição da mulher idosa explorada pela ideologia falocêntrica e preconceituosa que domina a sociedade paraguaia da década de 40.

Assim, o processo de exclusão das salas de cinema ao qual a protagonista é submetida constitui uma questão cultural de desvalorização do idoso, uma vez que, na acepção de Lima, “em nossa cultura ocidental, as fronteiras entre natureza e cultura são fortemente policiadas, o que tem estreita relação com a dominação e exploração da mulher/mãe”. (STEVENS, 2006, p. 3).

Em relação ao espaço cinematográfico a velhice não constitui tema central ou pelo menos de grande importância e raramente se nota a presença dos idosos nas salas de cinema. Todavia, no Brasil, alguns centros de amparos à velhice proporcionam esta opção de lazer e cultura aos anciãos. Um exemplo desta inclusão social foi noticiado em Salvador, na Bahia (2007), onde um grupo de setenta idosos é levado ao cinema para assistir o filme *O primo Basílio*, baseado no romance homônimo de Eça de Queirós. Uma senhora de 64 anos que fazia parte do grupo comenta que estava curiosa para ver o filme e que já conhecia a história, pois havia assistido a minissérie na televisão.

Entretanto, o processo de exclusão de Dona Susana no espaço das salas de cinema decorre do falocentrismo do filho e pelo fato da mãe ser idosa, tratando-a como se fosse um trapo velho. No conto, a mãe sente no fundo da alma o descaso do filho, já que ele a trata com indiferença, ao contrário de outras mulheres que pertencem ao mundo de Susana: “*Quizá iba a salir con la novia, al cine, a la matiné [...] ¿ Pero tu hijo picó no se ocupa un poco de vós? Todas tenían hijos que las tenían “como una reina” [...] (PLÁ, 2000, p. 222-223).*

Assim a questão da velhice feminina tratada na narrativa não reflete apenas uma condição temporal, mas uma subjetividade, um inconformismo da personagem diante da exclusão. Neste aspecto Lima (2007) comenta que “as dificuldades encontradas pelos idosos para se relacionarem com o outro, a partir da degradação do corpo, correm principalmente por causa do olhar contaminado pelo preconceito”. Esse tema é uma preocupação bastante presente na obra de Josefina Plá que escreve vários contos que abordam a questão, como “La Vitrola”, “Tortilla de harina” e “Ña Remigia”, entre outros.

Em “La jornada de Pachi Achi” (1957), considerado um de seus melhores contos pela crítica paraguaia, a situação da protagonista é ainda mais complicada para a mulher, pois Maia, além de adolescente e mãe solteira, além de ter o filho adotado pela irmã, Melina, e pelo cunhado, Pacífico, pois o casal não pode ter filhos, é explorada como empregada doméstica da casa e não lhe é permitido aproximar-se do menino.

O cunhado de Maia, embora seus diálogos o configurem como um homem conservador, autoritário e puritano, sente uma forte atração por ela. Por todos estes reveses da vida, a jovem sente-se triste e enclausurada na casa da irmã, em um bairro de Assunção, onde não tem direito de sair com amigas, freqüentar festas ou ir ao cinema. Neste aspecto, Fernandes e Siqueira (2000, p. 6) assinalam que

[...] o cinema é identificado em diversas narrativas como sinônimo de lazer para o/a jovem na primeira metade do século XX em um contexto de carência de outras oportunidades diante das limitações de recursos financeiros e das censuras impostas pelas famílias a atividades vistas como potencialmente perversoras. Ocupa assim um importante espaço à medida que atua como meio de lazer possível às camadas sociais desfavorecidas [...].

No entanto, Pacífico, o cunhado de Maia, sempre leva a esposa ao cinema, principalmente quando estão em cartaz filmes religiosos ou puritanos, como podemos perceber no diálogo entre Melina e o marido: “*Mirá, esa película tan buena: ‘El Evangelio según San Mateo’*” (PLÁ, 2000, p. 123). Segundo Barco e Alcalá (1999, p. 3), “*El desprecio que parece mostrar Pacífico por Maia no es sino una máscara externa que oculta la verdadera situación real. [...] La crítica a la hipocresía social se combina con la exteriorización sincera en la intimidad de los sentimientos ocultos de los personajes*”.

Nos três contos analisados o processo de exclusão é representado por três agentes ativos, praticamente facetas de um mesmo processo: o homem, a família e a sociedade. A imposição de uma sociedade moralista e preconceituosa assume lugar representativo no pódio da exploração feminina nos contos de Plá, pois para Perrot

(2005, p. 463-465), “a voz das mulheres é um modo de expressão e de regulação das sociedades tradicionais [e] restaurar a ordem é impor silêncio às mulheres”.

Em “Maína”, o pensamento social da época se revela na tentativa do comissário de silenciar a personagem quanto a sua condição de amante; no segundo conto, embora sinta desejo de freqüentar as salas de cinema, Dona Susana reconhece que na sua idade, de acordo com os preceitos sociais da época, aos idosos, e principalmente à mulher, não lhes cabe o direito de reclamar, mas de permanecer isolados em casa ou em asilos; no caso de Maia, quando uma moça solteira fica grávida e a família não aceita a situação, o meio mais coerente para resolver este impasse e calar a voz da sociedade que a agride é recorrer às instituições sociais como as casas de mães solteiras, conforme nos relata o conto: “*Muertas la abuela y la vieja tía, el destino de la pequeña no habria sido dudoso. El asilo, seguramente. O el Buen Pastor*”. (PLÁ, 2000, p. 122).

Assimilamos em segunda instância a presença masculina no processo de submissão das mulheres das classes baixas excluídas das salas de cinema, pois “esta naturalização das mulheres, presas aos seus corpos, à sua função reprodutora materna e doméstica [...] traz uma base biológica ao discurso paralelo e simultâneo da utilidade social”. (PERROT, 2005, p. 460). Em todos os contos percebemos este agente no processo de exclusão: Maristela é explorada sexualmente pelo primo e posteriormente por muitos outros homens que passaram por sua vida, incluindo o comissário de polícia, seu amante; Dona Susana, além de viúva, não conta com o apoio do único homem da casa e Maia padece com as investidas do cunhado que usa o filho como pretexto para reter a moça em casa.

No entanto, situamos a família como o agente mais relevante no processo de exclusão feminina no espaço das salas de cinema nas três narrativas, o que coincide com vários estudos, segundo os quais a família, “foi identificada como um importante espaço de apropriação de produtos culturais, abrindo caminhos para investigações inovadoras sobre as conexões entre via privada e pública” (ESCOSTEGUY, 2001, p.54-55).

Ao maltratar Maristela quando esta fica grávida, a família induz a moça a fugir de casa e, conseqüentemente, à prostituição; a vida boêmia do filho de Dona Susana, decorrente da falta do pai e da falta de diálogo com a mãe, ocasionou a reclusão da mãe dentro de casa e sua exclusão de espaços sociais públicos; e no caso da adolescente Maia, consciente de sua condição de escrava doméstica da família, ela sofre calada e não se arrisca sequer a pedir ao cunhado para ir ao cinema, pois sabe que ele não permitirá, assim como as tias com quem morou antes não cederam este espaço à jovem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao delinear o processo de exclusão da mulher das classes baixas nas salas de cinema nos contos de Josefina Plá, destacamos a importância dos estudos culturais para os estudos literários, pois para Culler (1999, p. 66-67),

[...] os textos literários e as tradições de suas interpretações parecem ter presumido um leitor masculino e induzido as mulheres a ler como um homem, a partir de um ponto de vista masculino. Da mesma forma, os teóricos de cinema têm levantado hipóteses de que o que eles chamam de olhar cinematográfico (a visão a partir da câmera) é essencialmente masculino: as mulheres são posicionadas como o objeto do olhar cinematográfico e não como o observador.

Embora algumas obras literárias femininas como as de Josefina Plá ainda sejam focalizadas de soslaio pela crítica, o que se observa na realidade é que, ao representar a exclusão da mulher das classes populares nas salas de cinema, a autora denuncia as condições destas mulheres na literatura e na vida social, revelando novos sujeitos que durante algum tempo foram apenas objetos de exploração da linguagem e da sociedade dominante, pois “do confinado espaço das cozinhas e alcovas, espalha-se e apossa também das salas, varandas, jardins e o resto, dividindo com os homens espaços, ocupações e principalmente linguagens antes inacessíveis.” (VIANNA, 1992, p. 260).

Por outro lado, e em menor número, percebemos entre as narrativas como funciona o processo de inclusão feminina nos espaços sociais públicos, em destaque o cinema, considerado por Escosteguy (2001, p. 179) como um dos locais que contribuíram na primeira metade do século 20, “para a organização da identidade e do sentido de cidadania nas sociedades nacionais, na América Latina”.

Assim, podemos assegurar que o universo feminino é um dos temas mais revisitados atualmente pela crítica literária, principalmente quando se trata de apreender a representação da construção identitária da mulher e sua importância para a formação das identidades nacionais, principalmente na América Latina e em países subdesenvolvidos como o Paraguai.

É neste contexto que observamos na obra de Plá a revelação e a conscientização das condições de algumas mulheres das classes baixas do século passado, ressaltando os diversos processos de exploração pelos quais elas se encontram condicionadas. É neste espaço que situamos as representações literárias das mulheres paraguaias que passam pelo processo de exclusão das salas de cinema enquanto lugar de intercâmbio social.

Enfim, considerando a importância do universo feminino representado nos contos de Plá para as literaturas de autoria feminina, apreendemos que nos contos analisados a problemática da exclusão da mulher nos locais públicos é universal, pois nos permite a identificação dos sujeitos participantes do processo sócio-cultural e literário na América Latina, desmistificando o caráter de subalternidade aplicado às literaturas ditas periféricas.

Recebido em 24/10/2009

Aprovado para publicação: 08/10/2010.

## NOTAS

\* Doutoranda do Curso de Letras, com ênfase em Literatura e Vida Social, pela UNESP-Assis. [surielmitzi@hotmail.com](mailto:surielmitzi@hotmail.com)

## REFERÊNCIAS

- BARCO, José Vicente Peiró; RODRÍGUEZ-ALCALÁ, Guido. *Narradoras paraguayas*: antologia. Assunção: Expolibro e SEP Libros Libres, 1999. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com>. Data de acesso: 20 ago. 2009.
- BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. Conto e identidade literária na América Latina. *Organon*. Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, v. 17. ed. especial p. 23-28, 28 dez. 2003.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas*. Trad. Heloísa Pezza Cintrão. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.
- CULLER, Jonathan. *Teoria Literária*: uma introdução. São Paulo: Beca Publicações Culturais, 1999.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. *Cartografias dos estudos culturais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FERNANDES, Wania Ribeiro; SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de. Cinema e relações de gênero: ouvindo mulheres idosas. In: *29ª Reunião anual da Anped*, 2006, Caxambú. Educação, Cultura e Conhecimento na Contemporaneidade: desafios e compromissos. Caxambú: ANPED, 2006.
- LIMA, Susana Moreira de. Ruídos e representação da mulher: preconceitos e estereótipos na literatura e em outros discursos. 2007. Disponível em: [http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/S/Susana\\_Moreira\\_de\\_Lima\\_I3\\_A.pdf](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/S/Susana_Moreira_de_Lima_I3_A.pdf). Data de acesso: 20 jul. 2008.
- NAVARRO, Maria Helena; SCHMIDT, Rita Terezinha. A questão de gênero: ideologia e exclusão. In: *II Congresso Internacional sobre a mulher, gênero e relações de trabalho*, 2007, Goiânia. *ANAIIS do II Congresso Internacional sobre a mulher, gênero e relações de trabalho*. Goiânia: Cir Gráfica e Editora, 2007. p. 85-96.

- PEREZ-MARICEVICH, Francisco. *Literatura Paraguaya y Josefina Plá*. Assunção: Paraguai, 6 fev. 2009. 1 DVD (30 min.) (Entrevista concedida a Suely Aparecida de Souza Mendonça).
- PERRROT, Michele. *Mulheres ou os silêncios da história*. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.
- PLÁ, Josefina. Adios Doña Susana. In: *Cuentos Completos*. Asunción: El Lector, 2000. p. 215-224.
- PLÁ, Josefina. La jornada de Pachi Achi. In: *Cuentos Completos*. Asunción: El Lector, 2000. p. 113-128.
- PLÁ, Josefina. Maína. In: *Cuentos Completos*. Asunción: El Lector, 2000. p. 77-85.
- RAGO, Margareth. O poder da prostituta na história e na literatura. In: *Anais do IV Seminário Mulher e Literatura*, Niterói: EDUFF, 1992.
- RAMA, Angel. *Literatura, cultura e sociedade na América Latina*. Org. de Pablo Rocca. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.
- SCHMIDT, Rita Terezinha; NAVARRO, Márcia Hoppe. A questão de gênero: ideologia e exclusão. In *Anais do 2º Congresso Internacional sobre Saúde Mental no Trabalho*. Coord. Luiz Eduardo Guimarães Bojart; Euvânia de Almeida Rezende e Laís de Oliveira Penido. Goiânia: Cir Gráfica e Editora, 2007.
- STEVENS, Cristina Maria Teixeira. *O corpo da mãe na literatura: uma presença ausente*. 2006. Disponível em: <http://www.uesc.br/seminariomulher/anais>. Data de acesso: 20 de jul. 2009.
- VIANA, Maria José Motta. Memórias femininas: em tempo de olhar. In: *Anais do IV Seminário Mulher e Literatura*, Niterói: EDUFF: 1992.
- XAVIER, Elódia. Por uma teoria do discurso feminino. In: GOTLIB, Nádya Bettella (org.) *A mulher na literatura*. VIII. Belo Horizonte: UFMG, 1990.

## SOBRE A AUTORA

Suely Aparecida de Souza Mendonça possui graduação em Letras Português/Literatura pela UFMS- Dourados-MS; especialização em Literatura Comparada pela UFMS- Dourados-MS; mestrado em Letras pela UFMS, Três Lagoas-MS, com ênfase em Estudos Literários e, atualmente, doutoranda em Letras pela UNESP-Assis, com ênfase em Literatura e Vida Social.